

A woman with dark hair styled in an updo, wearing a light blue sleeveless dress with lace detailing on the back. She is looking over her right shoulder towards the camera. The background is a lush green park with trees and a small stream.

MAYA BANKS

Autora bestseller do *New York Times*
e do *USA Today*



Ela conheceu finalmente a liberdade. E não permitirá que um marido ou a sociedade voltem a ditar o rumo da sua vida.



DUQUESA

DO
MEU

CORAÇÃO

TOP
SEL
LER

Prólogo



Penroth, norte de Londres
Maio de 1818

As nódoas negras já mal se viam, mas quantas mais surgiriam no futuro? Apesar de atenuada, a dor ainda estava fresca na sua memória. Fechando os olhos às imagens vívidas que se repetiam na sua mente, Jillian St. James, Condessa de Penroth, afastou-se da janela do quarto. A sua prisão.

O clarão de um relâmpago iluminou o interior escurecido, e ela contraiu-se à espera do estrondo do trovão, que não tardaria a chegar. Uma vela tremeluziu, lançando sombras sinistras na parede, que diminuíram assim que a chama se apagou.

O conde partira para França havia um mês, mas ela conservava as marcas do seu presente de despedida. Esfregou distraidamente o pulso, ainda dorido da torção violenta a que fora sujeito. Ele poderia regressar a qualquer momento. Já estava atrasado um dia, mas adorava chegar quando ela menos esperava, satisfeito por poder intimidá-la, aterrorizá-la.

O medo formou um nó na sua garganta e o pavor abateu-se sobre ela como um cobertor, sufocando-a. Sentiu a respiração a acelerar e tentou não entrar em pânico. Viriam os outros com ele? A náusea invadiu-lhe o estômago, e teve de reprimir a bÍlis.

Quando ouviu passos a ecoarem pelo longo corredor que levava ao seu quarto, deu meia-volta, fitando a porta, aterrorizada. Um grito assomou-lhe à garganta, mas ela abafou-o. Aprendera há muito que gritar não ajudava.

Encontrava-se no centro do quarto como uma estátua de mármore, à espera, e a morrer um pouco mais de cada vez que respirava. O alívio da ausência dele não fora propriamente um lenitivo, pois passara a rezear o seu regresso todos os dias. Os criados, todos fiéis ao patrão, observavam-na, à espera de algo para lhe contar. Se obtivessem alguma coisa que servisse de pretexto para que ele a punisse, a recompensa seria ótima. Como se ele precisasse de um motivo...

Os passos aproximaram-se e detiveram-se à sua porta, que rangeu quando se abriu lentamente. Ela endireitou-se, determinada a não se acobardar. Uma forma sombria entrou no quarto e parou, olhando em volta, à sua procura.

— Jilly?

O seu alívio foi de tal monta que esgotou a força que lhe restava. Caiu no chão, com as pernas flácidas. Depois o medo voltou, muito mais forte.

— Não devias estar aqui.

Ele avançou para a ajudar a levantar-se.

— Estás bem?

— Sim — disse ela, embora ainda tremesse de medo. — Case, ele vai voltar a qualquer momento e não pode encontrar-te aqui. Nunca acreditaria que somos apenas amigos.

— Tenho de te contar uma coisa, Jilly. Vem sentar-te, porque vai ser um choque.

Conduziu-a a uma poltrona junto à janela. Um relâmpago iluminou o céu distante, sinal de que a tempestade se afastava.

Ela sentou-se e olhou para a porta. O marido não precisava de testemunhar a presença de Case. Os criados teriam todo o prazer em denunciá-la.

Case... o seu amigo e a única pessoa em quem confiava no mundo. Parecia pouco à vontade, como se não soubesse como dizer o que o atormentava.

— O que se passa? — perguntou ela.

Ele hesitou um momento e pegou-lhe na mão.

— O navio do Penroth naufragou. Não houve sobreviventes.

— Observou-a atentamente, à espera de uma reação.

Jilly semicerrou os olhos, invadida pela raiva. Nunca lhe passaria pela cabeça que Case fosse cruel, pois ele fora uma inabalável fonte de apoio nos últimos meses.

— Que brincadeira é essa?! — perguntou bruscamente.

Ele apertou-lhe a mão para a consolar.

— É verdade, Jilly. Ele morreu.

Ela esforçou-se por entender o que Case lhe dizia. Teriam as suas orações sido ouvidas? Teria a ladainha que entoara nos últimos seis meses chegado aos ouvidos de Deus, e ter-se-ia Ele apiedado dela? Não, não seria possível estar livre do inferno a que descera no dia do seu casamento.

— Não tem piada — disse, sufocada.

— Sei que é difícil de acreditar — murmurou ele. — Mas eu não te iria provocar desta maneira. Não apresentaria diante de ti algo tão maravilhoso se não fosse verdade.

— Queres dizer que estou livre? — perguntou, estupefacta.

Atrever-se-ia a acreditar que o pesadelo terminara? Teria o diabo sido atirado para o inferno?

Case assentiu, e os olhos dela encheram-se de lágrimas ao recordar-se de meses de medo e horror. Sentiu um alívio esmagador. Momentos antes preparara-se para o pior, mas agora estaria livre desse terror para sempre.

— Não vou chorá-lo — disse, furiosa. — Recuso-me a fazer um único dia de luto por aquele canalha. Não me merece qualquer respeito.

— Não precisas de fazer nada que não queiras — murmurou Case.

Ela levantou-se e começou a andar de um lado para o outro, agitada.

— Não vou morar aqui. — Nunca viveria naquela propriedade infernal, que, quanto a si, poderia até apodrecer. Embora não

tivesse tido tempo de presentear o marido com um herdeiro, estava certa de que os advogados encontrariam um primo distante para preencher esse papel.

Encaminhou-se para o guarda-fatos e atirou uns vestidos para cima da cama.

— O que estás a fazer? — perguntou Case atrás dela.

— Vou-me embora — respondeu num tom seco. — Não fico nem mais uma noite. — Enquanto acabava de recolher os escasos pertences que queria levar, virou-se para o amigo e encarou-o desafiadoramente. — Prefiro morrer a mostrar remorsos pela morte dele.

Capítulo 1



Londres

Novembro de 1818

Justin Devlin, oitavo duque de Whittington, atirou o jornal para o chão, repugnado. Geralmente não era dado a ler jornais de escândalos, mas um deles tinha sido estrategicamente colocado na sua secretária. Edward seria provavelmente o culpado. Apertou a cana do nariz com o polegar e o indicador, enquanto passava a outra mão pela nuca e massajava os músculos tensos. Chegara ao porto no dia anterior, e meses de fadiga escondiam-se sob o seu semblante.

Levantou-se e dirigiu-se ao armário de bebidas para se servir de um brandy, que bebeu de um só gole. Depois pousou o copo com um ruído surdo.

Daquela vez Case passara dos limites, atolado num escândalo. Escândalo... uma palavra nunca antes associada ao nome da família, situação que o irmão mais novo conseguira alterar em poucos meses.

A Condessa de Penroth. O marido morreria tragicamente havia menos de um ano, quando o navio se afundara no mar, e, em vez de chorar a sua morte, ela aparecera noite após noite em bailes de sociedade pelo braço do seu irmão. A recusa dela em fazer... não, em *respeitar* o luto, não tinha precedentes

na sociedade de Londres. Tal comportamento era para lá de deplorável.

Ele e Case eram próximos. Apenas com dois anos de diferença, haviam crescido como companheiros inseparáveis. Conhecia Case melhor do que ninguém, ou pelo menos assim o julgava. Haveria certamente uma explicação perfeitamente razoável para a participação do irmão em todo aquele fiasco.

— A carruagem de Vossa Graça está preparada.

Justin voltou-se e viu Edward, o mordomo da família há três gerações, solenemente perfilado à porta. A idade dele era um segredo cuidadosamente guardado, mas Justin jurava que já passava dos 100 anos. A maioria dos mordomos respondia pelo apelido, mas Justin nem sequer o sabia. Tratavam-no simplesmente por Edward desde que o avô o contratara havia mais de 50 anos.

— Obrigado, Edward. Vou ao clube almoçar e depois vou passear a cavalo.

— Muito bem, Vossa Graça. O jantar será servido à hora habitual, a menos que o deseje de outra forma.

Justin assentiu e saiu para onde a carruagem o aguardava.

Enquanto a carruagem rolava por Piccadilly, observou que Londres pouco mudara na sua ausência. Notava-se diariamente a mesma agitação nas ruas movimentadas. Reprimiu a irritação quando a carruagem parou, devido ao trânsito. Apesar do frio de meados de novembro, desejou ter vindo a cavalo. Teria certamente sido mais rápido, e não seria necessário voltar às estrebarias antes de sair para cavalgar. Afundou-se nas almofadas fofas, esperando o retomar da viagem.

Porque não tinha Case permanecido em Whittington, onde se encontrava na altura em que Justin partira para a Índia? Se assim fosse, Justin poderia abandonar Londres para sempre e fugir de volta para o Yorkshire. A ideia de se imergir na sociedade, mesmo que por pouco tempo, não era uma perspectiva que lhe agradasse. Sabia que acabaria por ter de vir a Londres para encontrar uma mulher com quem casar, mas, para isso, ainda tinha alguns anos, e deprimia-o a ideia de um casamento sem amor, só para

ter herdeiros. Por agora contentava-se em poder retirar-se para a sua propriedade e levar uma vida tranquila.

Meia hora depois, a carruagem deteve-se finalmente diante do White's, e Justin franqueou a porta do clube de cavalheiros. Foi saudado com entusiasmo e acolhido com grande compostura. O seu prato favorito, bife do lombo com molho de xerez, apareceu-lhe na mesa poucos minutos depois de se ter sentado. Era bom estar em casa, refletiu, mesmo que essa casa fosse temporariamente Londres, enquanto tratava de todo aquele assunto que dizia respeito à condessa.

— Whittington! Caramba, é você!

Ergueu os olhos e viu Lorde Darvington junto à sua mesa. Justin convidou-o a sentar-se e ele aceitou prontamente. Lorde Darvington fora um amigo íntimo do pai de Justin, que morrera 15 anos antes.

— Como tem passado, meu rapaz? — perguntou o homem mais velho, repousando ambas as mãos sobre o punho esculpido da bengala. Justin disfarçou um esgar. Poucas pessoas se atreveriam a dirigir-se-lhe de outra forma que não por «Vossa Graça» ou «Whittington», mas Lorde Darvington sempre o tratara por «meu rapaz», e Justin não imaginava que tal tratamento se viesse a alterar. — Ouvi dizer que chegou da Índia — continuou o conde, invadindo os pensamentos de Justin.

— Sim, aportei ontem.

— Então, suponho que ainda não tenha tido conhecimento do escândalo que o seu irmão está a causar — disse num tom natural e com um olhar penetrante.

Justin fitou-o sem pestanejar.

— Prefiro pensar que seja a condessa quem está na origem do escândalo.

— Então, já *soube* — disse Lorde Darvington com uma gargalhada divertida.

Justin recostou-se.

— O que se passou exatamente, Darvington? Li as páginas da sociedade, mas ainda não falei com o Case sobre o assunto.

O conde pareceu satisfeito com a oportunidade de transmitir o que sabia. *Quem diria que os mexericos eram um vício feminino*, pensou Justin, secamente.

— É óbvio que ela pôs os palitos ao Penroth muito antes da morte dele. E, por acaso, foi com o seu irmão. Apenas uns dias depois do funeral, a que a Lady Penroth não compareceu, imagine, andava a passear por Londres escandalosamente vestida, e o Lorde Case era o seu companheiro constante. A fulana não fez um único dia de luto nos seis meses que se seguiram à morte do conde. É vergonhoso que uma mulher de sangue nobre aja com tal desrespeito pelo decoro.

— Nobre? — perguntou Justin, levantando uma sobrancelha. — Então é bem-nascida?

— É filha do Conde de Lindelle. Foi pena nunca ter tido um filho. Nem sequer um herdeiro. O título e as propriedades voltam para a coroa. O pior pesadelo de um homem. — Darvington abanou a cabeça, pesaroso. — E agora parece que o título de Penroth sofrerá o mesmo destino.

— Uma família muito notável. — Justin franziu a testa. — Lembro-me de o meu pai falar do conde. Não morreu já há alguns anos?

Lorde Darvington assentiu.

— Onze, para ser exato.

— Não há outro membro dessa família que a mantenha na ordem?

— Não, e é uma pena. Houve uma tia que patrocinou a apresentação dela na sociedade, mas tem problemas de saúde e retirou-se para o campo logo a seguir ao casamento.

— Ela e o Penroth não se davam bem?

— Não há como saber — respondeu o homem idoso, aceitando a bebida que um criado ali próximo lhe serviu. — Além de alguns compromissos sociais, raramente apareciam em público juntos. — Lorde Darvington recostou-se e fitou Justin. — Agora que está em casa, o que pretende fazer a esse respeito?

Justin retribuiu-lhe o olhar, surpreendido.

— O que pretendo fazer? O meu irmão já é adulto.

— Mesmo assim, o senhor é o chefe da família, e o seu pai, que descanse em paz, deve estar a dar voltas no túmulo.

Justin não tinha como contestá-lo. O pai sempre dera uma enorme importância à honra e ao decoro. Case também o sabia. Era algo que lhes ensinara desde muito cedo. E agora o irmão desconsiderava tudo, e por causa de uma *mulher*. Abanou a cabeça. Estava pronto para uma longa conversa com o irmão mais novo.

Deixou o White's deseioso por regressar e dar um passeio a cavalo no Hyde Park. Depois de passar semanas confinado num navio, ansiava por uma tarde de exercício. Aguentou outra interminável viagem de volta, até que, por fim, chegou a casa.

Enquanto lhe selavam o cavalo nas cavalariças, entrou na mansão e foi às cozinhas buscar um naco de pão. Um dos seus lugares favoritos no parque era um pequeno lago afastado do caminho principal, geralmente cheio de cisnes com fome.

Poucos minutos depois, partiu a cavalo e esqueceu as preocupações acerca de Case e da amante. Teriam de esperar. Por enquanto, iria aproveitar a sua primeira tarde de regresso a terra firme.



Jillian fez uma pausa e respirou profundamente o ar fresco do outono. Estava um dia lindo para passear e, pela primeira vez, parecia que não voltaria a casa ensopada pela chuva da tarde.

Aquele não era apenas mais um dia. Marcava uma mudança significativa na sua vida. Fez uma careta e enfiou ainda mais as mãos no regalo de pele. Deveria ter sido um momento maravilhoso, um dia para comemorar, para marcar a passagem de uma meta. Em vez disso, ela seguia ao longo de um caminho solitário, dando graças por aquela experiência ter acabado.

Geralmente não era dada à autocomiseração, mas, nesse dia, talvez merecesse entregar-se um pouco aos pensamentos

melancólicos. Afinal, não era todos os dias que uma mulher comemorava o primeiro aniversário do seu casamento sozinha.

Seis meses após a morte de Lucas, Jillian ainda tinha pesadelos. Ainda despertava de um sono agitado convencida de que ouvira os passos dele do lado de fora da porta; aterrorizada perante a ideia de que, a qualquer momento, ele abrisse a porta e, com o seu riso maníaco, lhe dissesse que tudo não passara de uma brincadeira, e que ainda estava vivo.

Noutros momentos sonhava que ele lhe gritava do túmulo, jurando-lhe que ela nunca seria livre. Nunca. E havia alturas em que acreditava nisso. Engoliu o nó na garganta e afastou as lágrimas que lhe afligiam as pálpebras. Alguma vez se livraria das recordações, ou estaria condenada a revivê-las vezes sem conta?

Parou junto a um pequeno banco de pedra, sob uma árvore sem folhas, e sentou-se. Um par de cisnes deslizou pela lagoa diretamente diante de Jillian, fazendo movimentar a dispersão de folhas que haviam caído sobre a superfície da água.

Inclinando-se para a frente, retirou as mãos do calor do regalo e apoiou o braço sobre o joelho, encostando o queixo à palma da mão. Fios de cabelo escuro escapavam-se-lhe do penteado arranjado à pressa, tocados por uma suave brisa. Soprou uma madeixa que esvoaçava diante dos seus olhos e abanou a cabeça quando sentiu comichão no nariz. Se ela fosse uma dama respeitável que usasse touca, talvez não tivesse de lidar com as madeixas rebeldes. Mas não era. Suspirou. Não valia a pena contestar o óbvio. Uma suave risada escapou-se-lhe dos lábios. Se fosse uma dama como devia ser, não estaria ali sozinha, sem uma acompanhante.

— Não esperava encontrar ninguém aqui, tão longe do caminho principal — disse uma profunda voz masculina atrás dela. Jillian voltou-se, assustada e irritada com a intromissão. Não ouvira ninguém a aproximar-se. — Peço perdão por tê-la assustado — disse ele.

Jillian respirou fundo quando viu o intruso, que ficara parado a observá-la, com naturalidade, o chicote de montar encostado à perna. Estava bem apresentado, com roupas impecáveis e botas

altas polidas, e brilhava ao sol do meio-dia. Ela ergueu os olhos para os dele, castanhos e afetuosos, e observou-lhe rapidamente o rosto e depois as madeixas escuras de cabelo ondulado de uma cor demasiado parecida com a do cabelo dela. A seguir, observou o chicote de montar que ele tinha na mão.

— Está a pensar expulsar-me do seu lugar?

Ele pareceu surpreendido por um momento, até olhar para a mão que segurava o chicote.

— Claro que não — disse com uma risada. — Com certeza que a lagoa é suficiente para ambos. — Olhou-a por um momento. — Mas sinto que me intrometi.

Jillian suspirou.

— De maneira nenhuma. Salvou-me de uma verdadeira onda de autocomiseração.

— Não é uma tarefa agradável para uma tarde tão bonita.

Desta vez, a voz dele estava mais próxima, e viu-o sentar-se a seu lado. Um estremecimento peculiar percorreu-lhe o braço quando este roçou no casaco dele. Um perfume quente e masculino encheu-lhe narinas, e ela inspirou profundamente, inalando-o até ser completamente envolvida por ele. A frescura do dia foi rapidamente esquecida quando o calor dele pareceu invadir o espaço que os separava.

Observou-o, hipnotizada, quando ele tirou algo do bolso e uma madeixa de cabelo lhe tombou para a testa. Voltou-se, irritada com o seu desassossego em relação ao estranho. No entanto, incapaz de resistir, arriscou espreitar uma vez mais pelo canto do olho.

O desconhecido tinha na mão um pedaço de pão, que partia em vários pedaços e atirava para a água. Os cisnes aproximavam-se, devorando rapidamente o que lhes era oferecido. Depois ele estendeu o pão a Jillian.

— Quer experimentar?

Ela sorriu e começou a atirar pedaços para as aves gulosas. O pão caiu mais perto do que o que ele atirara, e os cisnes aproximaram-se.

Em silêncio, alimentaram os cisnes com o que restava do pão. Outras aves se juntaram ao grupo, ansiosas por comer um pouco, e daí a nada eram numerosas, todas a competir pelos últimos pedaços. Quando se tornou evidente que não havia mais pão, os cisnes subiram para a margem e avançaram, ousados, em direção ao banco onde os dois estavam sentados.

— Receio que estejamos a ser atacados — disse o homem, divertido.

Um deles bicou as saias de Jillian, e ela enxotou-o com as mãos. Pensando que ela tinha mais pão para lhes oferecer, precipitaram-se sobre ela. O homem fê-la pôr-se de pé e ajudou-a a afastar-se. Perseguidos pelos cisnes, começaram a rir sem se conseguirem controlar. Aumentando o ritmo, correram em direção ao caminho principal, em busca da segurança das sebes que ladeavam o passeio. Uma vez do outro lado, pararam para recuperar o fôlego, rindo da experiência.

— Tenho de lhe agradecer — disse ela, com uma nota de boa disposição na voz. — Salvou-me de uma situação muito embaraçosa.

Ele sorriu-lhe, com um brilho divertido no olhar.

— Não seria um cavalheiro se permitisse que algo desagradável acontecesse a uma mulher tão bonita.

Ela fitou-o, surpreendida, sentindo que as pernas lhe tremiam sob o olhar ardente daquele homem. O rosto dele estava a poucos centímetros do seu, e ela sentiu o coração a acelerar. Iria ele beijá-la? Com o coração alvoroçado, sentiu uma pontada de medo misturada com algo mais... Seria expetativa?

A mão dele acariciou-lhe suavemente a face, embora Jillian não fizesse a mínima ideia de como tal acontecera. Quando ele se aproximou ainda mais, ela humedeceu nervosamente os lábios. A boca dele estava quase sobre a sua, mas ele afastou-se abruptamente, passando a mão pelo cabelo, num gesto agitado.

— Aceite as minhas desculpas por tomar tais liberdades.

Jillian ficou mortificada. Teria permitido que um completo desconhecido a beijasse em pleno Hyde Park? Levou a mão trémula aos lábios, lábios que quase haviam tocado os dele.

— Obrigada pela sua ajuda — disse, hesitante, e deu meia-volta para sair apressadamente dali.

— Espere! — exclamou ele atrás dela. — Nem sei o seu nome...

Justin amaldiçoou-se em surdina, enquanto voltava para junto do cavalo. Agir com tanta falta de decoro já era mau, mas num local público?!

Ele montou o corcel e galopou pelo trilho do parque, sempre a pensar na mulher que encontrara junto ao lago. Não esperara ver lá ninguém. Era um lugar que frequentava quando estava em Londres, pois gostava da privacidade que oferecia.

Fora instantaneamente atraído para a mulher sentada no banco, a olhar para a água. Havia algo de melancólico na sua postura, o queixo pousado na mão, parecendo estar noutra lugar, e não ali. Nem o artista mais talentoso poderia ter capturado a sua beleza. Cabelos negros, olhos verde-esmeralda e lábios cheios e sensuais. *Quem seria ela?*

Não tinha os caracóis, as fitas e os folhos de uma menina acabada de ser apresentada à sociedade. Vestia de forma elegante, segundo a última moda, e a sua postura denotava nobreza, tal como o tom suave e culto da sua voz. Os olhos dela refletiam uma maturidade para além da sua idade. Provavelmente seria casada.

A ideia deixou-lhe um sabor amargo na boca. Na sua obsessão por ela, nem notara se usava aliança. Casada ou não, o que estaria ali a fazer sem a devida acompanhante? Fora uma sorte não ter sido abordada. Um súbito pensamento invadiu-o. Estava sozinha e ele deixara-a ali. Bom, fora ela que o deixara, mas, ainda assim, devia tê-la acompanhado a casa para que ficasse em segurança. E se lhe acontecesse alguma coisa?

Obrigou o cavalo a dar meia-volta, para se encaminhar uma vez mais para o local de onde ela se afastara. Procurou por ali, mas não viu sinal dela. Regressou com relutância, depois de dar uma última volta. Nunca se perdoaria se lhe acontecesse alguma coisa.

Regressou às cavalariças e desmontou, lançando as rédeas para o moço que o esperava. Olhou rapidamente para o relógio e

apercebeu-se de que já estava atrasado para o encontro que combinara para essa tarde com o alfaiate.

Entrou em casa e seguiu pelo corredor até à sala de estar. Instantes depois, perfilava-se, impaciente, enquanto o alfaiate media, dobrava, puxava e espetava alfinetes. O tempo que passara longe de Inglaterra resultara numa perda de peso, especialmente em redor do ventre, de modo que instruíra o alfaiate para lhe apertar as calças e os coletes. Se fosse assistir ao baile dessa noite, precisaria de uma roupa de cerimónia adequada.

O cavalheiro idoso estudou solenemente a linha do colete de Justin com os lábios franzidos.

— Só precisa de uns pequenos ajustes, Vossa Graça. Vou começar a trabalhar imediatamente e entregá-lo-ei dentro de poucas horas.

Justin assentiu e ali ficou, com os braços estendidos, enquanto o alfaiate começava a árdua tarefa de retirar os alfinetes do colete. Fechou então os olhos para recordar a imagem da jovem do parque. Com as narinas abertas, recordou o inebriante perfume e os seus risonhos olhos verdes.

A imagem perturbara-o profundamente, a ponto de sentir o insano desejo de a atrair para os seus braços e de a proteger do que lhe causava tanta tristeza. Nunca uma mulher provocara nele uma reação tão evocativa.

Se ao menos não tivesse agido tão precipitadamente, poderia ter sabido mais acerca dela. O nome teria sido um bom começo.

Mergulhou uma vez mais na recordação dessa tarde. O som do riso dela provocou-lhe um sorriso e inspirou nele um desejo profundo de voltar a vê-la.

— Ora, mas que bonito que estás!

Abriu os olhos e as suas fantasias terminaram abruptamente. Ergueu o olhar e viu Case encostado, com toda a naturalidade, à ombreira da porta.

— Podes tirar esse sorriso — rosnou. Mas não conseguiu conter-se ao ver o irmão pela primeira vez naquele ano.

— Não é todos os dias que tenho o privilégio de ver o meu irmão a arranjar-se diante de um espelho como se fosse uma debutante nervosa — disse, esquivando-se rapidamente à camisa que Justin lhe atirara à cabeça.

— Pronto — anunciou o alfaiate ao recuar, com o colete na mão. — Mandarei entregá-lo assim que estiver pronto.

— Obrigado — disse Justin. Despediu-se com um aceno e aproximou-se de Case. — Que maneira de passar a tarde. — Ficara com o rosto dorido devido à expressão que mantivera durante todo o tempo que o alfaiate lhe tirara medidas e espetara alfinetes.

Case soltou uma gargalhada.

— Podias ter-me pedido qualquer coisa emprestada.

— Agora é que me dizes...

Saíram da sala e Justin passou o braço em volta de Case.

— Que bom ver-te, maninho.

Case respondeu dando-lhe uma palmada nas costas.

— Afinal, quando regressaste? Não te esperava até ao próximo verão, mas quando vi o Lorde Darvinton no White's, ele disse-me que tinhas acabado de sair.

Entraram no escritório de Justin. Este serviu as bebidas antes de se sentaram junto do lume.

— Aportei ontem em Londres.

— E quando pensavas informar-me da tua chegada?

— Pensei que te encontraria no White's.

— Não importa. É muito bom ter-te em casa — disse Case, afetuoso.

— Então, o que tens feito? — perguntou Justin. Estava-lhe na ponta da língua perguntar pela condessa, mas resistiu. Não queria ensombrar os primeiros momentos do encontro com o irmão com o que poderia ser um assunto desagradável.

— Oh, já sabes como eu sou — disse Case num tom indolente. — Limito-me a viver e a descansar sob os louros do meu irmão, o duque.

Justin riu.

— Por outras palavras, os teus investimentos foram lucrativos como de costume. Não há dúvida de que és mais rico do que eu. Quando me vais contar o teu segredo?

— Bem, terei de fazer algo para me tornar digno de um casamento — respondeu com ironia. — Afinal de contas, não sou eu o duque.

Justin revirou os olhos.

— Com a tua boa aparência e fortuna considerável, há dezenas de mulheres dispostas a preferir o casamento a um título.

— Não queiras fazer-me correr para o altar, mano. Tenho muito tempo antes de sucumbir à calmaria associada ao casamento. — Justin riu-se da expressão cómica de Case. — Vais à festa dos Trent esta noite?

O irmão assentiu.

— Sim. — Esperava ver em primeira mão a justificação de todos os mexericos. Pensaria Case comparecer com a condessa? — E tu, vais esta noite?

— Sim, vou. Deve ser um belo evento.

Justin ergueu as sobrancelhas.

— Não fazia ideia de que gostasses tanto da vida na cidade.

Case soltou uma gargalhada.

— Não posso continuar a viver como um rústico no campo. Ao contrário de ti, gosto de sair de vez em quando.

Justin recostou-se e observou o irmão. Não podia ficar de braços cruzados e calado durante mais tempo.

— Case, qual é exatamente a natureza do teu relacionamento com a Condessa de Penroth?

O irmão recostou-se na cadeira e arqueou uma sobrancelha, surpreendido.

— Para começar, diria que não é da tua conta.

— Então é assim — disse Justin num tom sombrio.

— Assim como? — perguntou Case, inspecionando as unhas com naturalidade. — Justin, por que raio me fazes perguntas acerca da Jillian? Pensei que já teríamos passado a fase em que controlavas as minhas ações.

— Não te incomoda que ela esteja a criar um escândalo e que te envolva diretamente nele?

— Se assim fosse, não seria provável que eu estivesse «envolvido» com ela, como disseste.

— Que diabo, Case! Estás a ser deliberadamente obtuso! Terei de te explicar as coisas?

— Creio que talvez seja melhor. Porque será que isso parece incomodar-te tanto?

— Não irei permitir que a desonra se abata sobre a nossa família.

Case lançou-lhe um olhar inexpressivo.

— Não permitirás?! Quem disse que isso te cabe a ti? Tenho quase certeza de que estamos a discutir a minha vida pessoal.

— Sou o chefe desta família. É da minha responsabilidade garantir que nada manche a nossa reputação. Tu és da minha responsabilidade.

Case soltou uma exclamação de desdém.

— Se por acaso ainda não reparaste, já não tenho 12 anos. O que faço só a mim diz respeito.

— Ela não pode sobrepor-se à tua reputação, Case. Se queres levantar-lhe as saias, estás à vontade, mas trata de o fazer longe dos olhos do público!

— O meu relacionamento com a Jillian não é da tua conta. Lembra-te disso. Se eu estivesse de pior humor, consideraria ofensivo estares a pensar que me achas capaz de desonrar a nossa família. Mas vou atribuir essa tua atitude ao teu deplorável hábito de te considerares a minha ama. Creio que seria melhor se me fosse embora e esperasse que ficasses de melhor humor. Talvez estejas mais animado esta noite. — Justin apertou os lábios, mas permaneceu em silêncio. — Virei esta noite para que possamos chegar juntos à festa dos Trent. Quero esquecer que tivemos esta conversa, e espero que faças o mesmo — concluiu Case, levantando-se e saindo da sala.

Justin gemeu. Não antecipara que Case pudesse evitar a sua questão. Esperava que achasse graça à ideia de um relacionamento

sério e que talvez lhe oferecesse a descrição dos atributos da condessa. O irmão de que se lembrava fingiria um sorriso indolente e negaria levar qualquer mulher a sério. Porém, Case não fizera nenhuma dessas coisas.

Não negara o relacionamento. A verdade é que praticamente o confirmara ao dizer que aquilo não era da conta de Justin.

A imagem dos cabelos negros e macios e dos penetrantes olhos verdes flutuou deliciosamente nos seus pensamentos. Tentou recuar para a recordação, mas rapidamente baniu da sua mente a misteriosa mulher do parque. Não podia dar-se ao luxo de ser desviado do problema em questão.

O baile dessa noite seria uma experiência reveladora. Não queria indispor-se com Case, mas tinha de fazer algo em relação à condessa. Se Case não desse ouvidos à razão, talvez ela o fizesse.

Capítulo 2



Jillian sentou-se junto ao toucador para se ver bem ao espelho. Apanhara o cabelo preto num coque elegante, deixando que algumas madeixas flutuassem suavemente de cima da cabeça, para lhe emoldurarem o rosto. Fechou um colar em volta do pescoço, com um único pendente a repousar-lhe na depressão da garganta. Pertencera à sua mãe, e era a única joia que possuía. O resto fora vendido para pagar as dívidas crescentes de Lucas.

Levantou-se e vestiu cuidadosamente o vestido de cetim vermelho que desenhara especialmente para essa noite. Elsie, a criada, abotoou-o nas costas e afastou-se, permitindo que a patroa se visse ao espelho.

Jillian examinou-se com um olhar crítico no espelho de corpo inteiro. O vestido era de facto adorável, embora fosse improvável que recebesse elogios. O decote profundo mal lhe cobria os seios, e tinha a certeza de que qualquer movimento súbito o faria descair. O vestido desafiava a moda atual, ajustando-se firmemente à cintura e alargando-se suavemente nas ancas. O cetim escarlate derramava-se até ao chão, rodeando-lhe os pés com camadas de tecido brilhante.

Dispensou Elsie, querendo uns momentos para si antes de sair para o baile. Não assistira a muitos desde a morte do marido, preferindo uma existência fora dos limites da alta sociedade. Mas os poucos a que fora haviam gerado uma corrente de murmúrios escandalizados e uma firme reprovação.

O que não tinha qualquer importância. Aquele não era o seu mundo, apesar de ter nascido nele. Não admitiria que ninguém pensasse que lamentava a morte do monstro com quem se casara. Não se retiraria algures para o campo nem se vestiria de preto quando, na verdade, só lhe apetecia festejar.

Gostava de Londres, e não tencionava partir. Comprara a casa na cidade com uma herança que recebera ao completar 21 anos, e deleitava-se a exercer a sua independência livre das restrições de um marido ou de uma sociedade que ditara por demasiado tempo o curso da sua vida.

Até a sua amizade com Case provocara a ira dessa sociedade. Não que tal a surpreendesse, mas ele era o único amigo que tinha, e não iria descartá-lo por causa do decoro. Um sorriso curvou-lhe os lábios ao pensar no relacionamento de ambos. Gostava de pensar que ele era o irmão que nunca tivera. Como filha única, crescera sozinha, e a morte da mãe aumentara ainda mais o seu isolamento.

Mirou-se mais uma vez ao espelho e respirou fundo. Recebeu a imagem dolorosa dos seus olhos tristes, e tentou forçar neles uma centelha de felicidade.

Um ano antes, estivera cheia de sonhos de um futuro maravilhoso cheio de amor e filhos. Agora, um ano... não, uma *vida* depois, esses sonhos estavam tão destruídos como as suas ilusões.

De súbito, surgiram-lhe na mente pensamentos do encontro no parque. Fechou os olhos, invadida pela autocensura. Não aprendera a lição no que tocava a homens bem-parecidos e encantadores? Evidentemente que não, pois ali ficara como uma idiota apaixonada quando lhe parecera que ele a ia beijar. Cerrou os punhos e banuiu o belo desconhecido dos seus pensamentos.

Tinha uma última ação para concluir, e então poderia sair silenciosamente da notoriedade pública. Uma última *homenagem* ao seu falecido marido, na noite do aniversário de casamento, e depois guardaria as roupas, as lembranças e a amargura. Vencera, afinal, porque ninguém imaginara que, por detrás da jovem irreverente, se escondia uma mulher vulnerável e insegura que detestava confrontos.



Case e Justin observavam a multidão que se acotovelava no pequeno salão de baile. As velas pendiam de todos os lustres, conferindo um brilho alegre ao espaço. Havia também grandes candelabros em cada canto para iluminarem a área reservada para dançar. Junto à parede encontrava-se uma mesa enorme, cheia de comida, ponche e champanhe. Os pares, radiosos nos seus trajes de noite, deslizavam alegremente. Senhoras cobertas de joias ficavam de lado, a tagarelar atrás dos leques e a repetir os mexericos mais recentes. Os cavalheiros reuniam-se em grupos para discutir vários assuntos, desde a mais recente caçada até à política. Justin fez um esgar. Sentia a cabeça à roda com tanta atividade. Esquecera-se de como Londres era movimentada mesmo fora da temporada social.

O seu aparecimento causara grande alvoroço entre os presentes no baile. As matronas da sociedade começaram imediatamente a questioná-lo sobre as suas intenções, agora que regressara. Traduzindo: estaria a pensar em assentar e arranjar esposa?

— Os abutres circulam por aí — murmurou Case. — Se não tiveres cuidado, vão casar-te no prazo de uma semana.

Justin lançou-lhe um olhar divertido. Teria respondido, mas a sua atenção foi atraída para a entrada do salão de baile, e as palavras morreram-lhe na garganta. Era *ela*. A mulher do parque estava ali com o cabelo apanhado no alto da cabeça, formando um monte de caracóis e deixando-lhe nu o pescoço esguio. A extensão

cremosa da sua pele alongava-se até ao corpete do vestido, onde a ondulação dos seus seios se espalhava sobre o decote de maneira sugestiva. Então Justin fixou o olhar no resto do vestido. Assim que se apercebeu do carácter provocador do traje, foi invadido por uma inesperada emoção. Ter-se-ia equivocado em relação a ela? Seria uma cortesã? Se o fosse, o que estaria ali a fazer?

Tocou em Case com o cotovelo.

— Quem é aquela mulher que acaba de chegar?

Case seguiu a direção do olhar de Justin.

— É linda, não é? — perguntou, como se nada fosse.

— É magnífica.

Case sorriu.

— É a Jillian.

Justin deixou de sorrir e fechou os olhos, desanimado. Sentiu na boca o sabor espesso da decepção. Por muito insensíveis que tivessem sido as suas ações durante o primeiro encontro, a conduta indecorosa da parte dela superava a sua. Engoliu o nó de arrependimento que se alojara na garganta e compôs as feições.

Agora compreendia a paixão de Case. Ela era de facto digna de ser vista. A atração que sentira fora intensa, mas, por muito bonita que fosse, não havia desculpa para o seu flagrante desrespeito pela decência.

Teve dificuldade em conciliar a imagem da jovem melancólica, sentada no banco do parque, com a desvergonhada reputação que conquistara, mas o obscuro vestido de cetim vermelho que usava dizia muito sobre o seu carácter.

Franziu a testa ao ver como o rosto dela se iluminava quando Case lhe tomou a mão. Sim, ela era linda. Talvez a mulher mais bela que já encontrara. A recordação inesperada daquele sorriso encantador — e dos lábios convidativos que quase beijara — chegou-lhe à mente. Praguejou em surdina e afastou-se do par que se aproximava. Que tipo de mulher seria ela se quase o beijara quando tinha uma relação com o seu irmão? E que tipo de homem seria ele para agir com tal abandono?

Jillian animou-se ao ver o rosto alegre de Case. Quando ele se aproximou através da multidão, os seus olhos verdes brilharam de malícia, num contraste vivo com a imagem de inocência dourada conferida pelo cabelo louro.

Ela procurou um sinal de reação ao seu traje, mas o sorriso dele não vacilou nem um segundo. Estendeu-lhe a mão quando parou diante dela e deu-lhe o braço. O salão ficara em silêncio. Todos os olhares se fixaram em Jillian, mas esta ergueu o queixo e endireitou as costas com orgulho.

— Quero que conheças uma pessoa — disse Case quando começaram a abrir caminho por entre a multidão.

Ao passarem, as mulheres voltaram as costas a Jillian, e os homens ficaram a olhar para o escandaloso vestido. Curiosa, ela olhou para Case.

— De quem se trata?

— O Justin regressou da Índia e está aqui esta noite.

Ela parou imediatamente e deteve Case.

— Porque não me disseste? — murmurou. — Case, nunca teria vestido... — Calou-se, olhando desesperada para o vestido. — Nunca teria feito nada para te envergonhar diante do duque. — Estivera tão concentrada em vingar-se do passado que não pensara em como a sua aparência se poderia refletir em Case.

— Nunca poderás envergonhar-me, Jilly — disse Case com firmeza, sem afastar os seus olhos penetrantes dos dela. — Agora vamos, que ele está à espera.

Ao chegarem ao extremo oposto do salão, Jillian olhou curiosa para o homem de quem se aproximavam. Por trás, não podia dizer muito, embora percebesse que era mais alto do que Case. Tinha o cabelo escuro, enquanto o de Case era louro, e os seus ombros pareciam um pouco mais largos. Depois, quando ele se voltou, o coração caiu-lhe aos pés, e sentiu a boca seca. O homem que conhecera no parque era o irmão de Case, o *duque*?

Quando o fitou, Jillian pôde ver a reprovação refletida nos olhos dele, olhos que vira cheios de afeto no encontro anterior. Já o esperava, sabendo que se aperceberia do envolvimento de Case

com ela; porém, não esperava que o duque fosse o homem que conhecera e quase beijara no parque.

A decepção invadiu-a, deixando-a ligeiramente trémula. A humilhação por ele ter testemunhado a sua vulnerabilidade feriu-lhe o orgulho. Esforçou-se por não demonstrar a onda de insegurança e incerteza que sentia quando pararam diante daquele homem tão sério.

— Jillian, este é o meu irmão, Justin, Duque de Whittington. Justin, apresento-te a Jillian.

— Senhor duque... — murmurou ela, executando uma graciosa reverência.

— Ouvi falar muito de si, minha senhora — disse ele, levando aos lábios a mão enluvada que ela lhe estendia.

— Tenho a certeza de que não foram elogios — retorquiu ela num tom suave.

Ele ergueu uma sobrancelha perante tamanha franqueza.

— As minhas condolências pela sua recente perda. — Jillian reprimiu a vontade de vociferar uma réplica, preferindo murmurar um agradecimento. A orquestra atacou uma valsa e ele curvou-se diante dela. — Dá-me a honra desta dança?

Com relutância, ela pousou a mão no ombro dele e deixou-se conduzir. Mais valia acabar logo com aquilo, pois a reprimenda não se faria esperar.

Dançaram alguns momentos, com Jillian a sentir o peso do olhar dele. Fitou-o com uma expressão de desafio, com os nervos em franja, e a sentir-lhe o calor do toque através das camadas de tecido das luvas e do vestido. Enquanto se lembrava de como os lábios dele se haviam aproximado dos seus poucas horas antes, um rubor subiu-lhe ao pescoço e às faces, e, de súbito, sentiu o salão demasiado quente.

— Parece que nos encontramos de novo — disse o duque, quebrando o silêncio constrangedor.

— A sua consternação pela minha identidade deve ter sido sufocante — retorquiu Jillian num tom de voz firme.

Ele observou-a com os olhos semicerrados.

— Vamos ao que interessa. Não vejo necessidade de subtilezas.

— Estou totalmente de acordo com Vossa Graça.

— O que será necessário para que a senhora desapareça da vida do Case?

Ela fitou-o, desconfiada.

— Não pretendo desaparecer de parte alguma. O que tem Vossa Graça contra mim? Nada sabe a meu respeito.

Provavelmente, algo saberia, corrigiu-se mentalmente. Não parecia ser homem que ignorasse muita coisa. Uma sensação de náusea apertou-lhe o estômago ao pensar que teria de se encontrar regularmente com aquele homem. Não, não deveria ter de o ver muito, mesmo que fosse irmão de Case. Segundo este, o irmão preferia a vida no condado de Yorkshire.

E porque estaria tão desapontada com a evidente reprovação daquele homem? Quando se importara com a opinião de outra pessoa que não fosse Case?

— Sei o suficiente — disse ele em voz baixa, passando os olhos pelo vestido.

— Deveras? — perguntou ela, numa voz ilusoriamente suave. — Francamente, Vossa Graça, pouco me importa o que Vossa Graça sabe, ou *pensa* que sabe, a meu respeito. E seria algo egoísta da sua parte presumir que me importaria. — O braço do duque apertou-lhe a cintura. — Cuidado — advertiu ela com ironia. — Vossa Graça não desejaria dar a todos uma má impressão.

Jillian estava firmemente pressionada contra o peito dele, o braço de Justin segurando-a com força, e o seu rosto a poucos centímetros do dele. Por instantes foi transportada até ao lago no parque. Sentiu o aroma nítido da casaca de montar e o hálito quente nos seus lábios quando o duque se curvara para ela. E, então, tal como fizera no parque, Justin recuou apressadamente, soltando-a tão rapidamente que quase a fez tropeçar.

— Deixe-me esclarecer uma coisa, Lady Penroth. Pouco me importa o que a senhora faz ou com quem o faz desde que não seja com o Case. Não vou permitir que o ridicularize ou que ponha em causa o nome da minha família.

A raiva afastou rapidamente o que restava dos pensamentos fantasiosos de Jillian.

— Será muito nobre da sua parte — respondeu, sarcástica. — Mas deixe-me ser perfeitamente clara. Eu farei aquilo que *eu* quiser, e nada do que Vossa Graça disser ou fizer fará a menor diferença. Conheço bem os homens da sua espécie — disse com desagrado. — Vossa Graça prospera controlando os outros. Pois saiba que não serei controlada por nenhum homem.

— Não vim aqui esta noite para discutir com a senhora — retorquiu ele secamente. — Mas, se insistir em manter a sua relação com o Case, farei tudo o que estiver ao meu alcance para me certificar de que não possa voltar a aparecer em sociedade.

Ela soltou uma gargalhada cáustica.

— Essa ameaça pode realmente ter sucesso junto de quem se importe. Olhe à sua volta. Não sou exatamente apreciada pela alta sociedade. Portanto, não me intimida — prosseguiu num tom frio. — O meu relacionamento com o Case não é da sua conta. Já lhe ocorreu que ele é perfeitamente capaz de tomar as suas próprias decisões e que elas não lhe dizem respeito?

— *Tudo* o que tem que ver com a minha família me diz respeito — respondeu ele friamente. — Não vou ficar de braços cruzados e deixar que uma rameira faça o meu irmão parecer um idiota. Como se atreve a aparecer em público, mostrando o seu desrespeito pelo decoro? A senhora desonra o seu falecido marido e o nome dos Penroth.

Jillian sentiu-se invadida por um breve momento de dor antes de se deixar dominar por uma raiva crescente.

— Seu canalha arrogante! O senhor nada sabe sobre mim ou sobre o meu marido. E pode ir para o inferno. Eu e o Case é que decidimos os termos da nossa amizade. Mais ninguém!

Após os últimos acordes da música, Jillian espantou-se ao perceber que estavam no outro extremo do salão, longe de Case. O duque agarrou-a pelo cotovelo e conduziu-a rapidamente até à varanda. O ar fresco foi bem-vindo nas suas faces afogueadas, que, porém, coraram mais uma vez quando a sua indignação explodiu.

— Tire imediatamente a mão do meu braço — ordenou Jillian. — Desejo voltar para o salão de baile.

— Vai voltar no devido tempo — declarou o duque, detendo-se a vários metros da entrada mais próxima.

Jillian puxou o braço e distanciou-se o mais que lhe foi possível. Os seus olhos moviam-se freneticamente, procurando um possível caminho de fuga.

O duque encurtou a distância entre eles e lançou-lhe um olhar ardente.

— Então, Lady Penroth. Certamente poderemos chegar a um acordo mutuamente benéfico, que não envolva a sua associação com o meu irmão.

— Vossa Graça está a oferecer-se para tomar o lugar dele? — Tentou falar num tom frívolo, mas engoliu em seco quando ele se aproximou mais.

— É esse o seu jogo, minha senhora? Pretende usar o Case para chegar ao meu título? Ou é o meu dinheiro que quer? Deixe-me dizer-lhe que não estou interessado em mulheres gananciosas e calculistas, por muito belas que sejam.

Apesar da fúria, Jillian sorriu.

— Então Vossa Graça julga-me bela? — Fitou-o, irónica. — Que surpresa para si que eu não o considere atraente. O que poderia Vossa Graça oferecer-me que o Case não possua? O Case é um verdadeiro cavalheiro, e gosto muito dele. Não quero nada de si, meu caro duque, a não ser que volte a enfiar-se no buraco de onde saiu essa sua cabeça tão feia. — Que Deus lhe perdoasse aquela mentira, pois achava-o sem dúvida muito atraente, mas o inferno congelaria antes de ela admitir tal coisa.

Justin fitou-a, incrédulo. A jovem estava propositalmente a provocá-lo. Sentiu uma estranha vontade de lançar a cabeça para trás e desatar a rir, e o queixo tremia-lhe enquanto vacilava entre o divertimento e a raiva. Por fim, a raiva venceu.

— De certa forma, já estava à espera de que uma mulher da sua posição não agisse com decoro. Não posso tolerar que o meu irmão sinta pela senhora mais do que o desejo de a levar para a

cama. Diga-me, Lady Penroth, quanto tempo esperou antes de enganar o seu marido?

Jillian endireitou-se, indignada, com os olhos verdes a faiscar e o peito a arfar. Justin sentiu-se hipnotizado pelos montes suaves dos seios que se empertigavam, ameaçando libertar-se do ousado vestido.

— Isso não é da sua conta — respondeu friamente. — Recuso deixar-me intimidar por Vossa Graça. Está a desperdiçar o seu tempo e o meu. Agora, exijo regressar ao salão de baile.

O duque quase soltou uma gargalhada quando ela o enfrentou com toda a força da sua fúria. Os lábios dela, cheios e rosados, tinham-se transformado numa linha fina, e ele queria tanto prová-los que quase baixou a cabeça para o fazer. Só ele para se sentir atraído por uma mulher tão desprezível. De todas as mulheres que podia escolher em Londres, tinha de desejar aquela, que preferiria atirar-se para a frente de uma carruagem a lançá-lhe mais do que um olhar passageiro.

Pesaroso, afastou-se, fazendo um gesto com o braço em direção à casa.

— Com certeza, Lady Penroth. Não permita que a mantenha longe das suas conquistas. Mas lembre-se de uma coisa. Se fizer sofrer o meu irmão, terá de responder perante mim.

Jillian passou apressadamente por ele, deixando-o a segui-la com o olhar enquanto apanhava os folhos do vestido e voltava para o salão de baile.

Justin perdeu-a de vista, pois fora engolida pela multidão. Mais uma vez, a decepção apoderou-se dele. Afastou-se das janelas e olhou para a noite.

Ao entrar, Jillian olhou para o outro extremo do salão de baile e viu que Case a fitava. Liam-se-lhe no rosto perguntas não formuladas, mas ela não desejava suportar um interrogatório sobre o seu desaparecimento com o duque. Afastou-se para a mesa dos refrescos e bebeu rapidamente um copo de vinho.

Respirou fundo várias vezes e endireitou os ombros. O senhor duque podia ir para o inferno. Não deixaria que ele a intimidasse.

Deu meia-volta com outro copo de vinho na mão. Nessa noite estava ali com um propósito, e não seria desviada da missão de banir os demónios do último ano.

O casamento de Jillian era um autêntico pesadelo. Por isso, quando ela recebeu a notícia da morte do marido, foi como se tivessem atendido às suas preces. Agora, ela está desejosa de experimentar o sabor da liberdade, mesmo que, para isso, tenha de desafiar as regras da sociedade. Jillian não está disposta a fazer o luto pelo marido, às mãos de quem sofreu as mais terríveis perversidades. Para tal, contará com o apoio do seu melhor amigo, Case.

Justin, o oitavo duque de Whittington, está determinado a salvar o nome da sua família do escândalo que o seu irmão Case está a criar. Porém, a adorável Jillian não é o inimigo que ele esperava. Tão irritante quanto vulnerável, ele nunca conheceu uma mulher como ela — escandalosa, imprevisível e completamente inadequada, mas absolutamente irresistível. À medida que o amor acontece entre ambos, Justin percebe que, antes de poderem pensar num futuro em conjunto, ele tem de salvar Jillian do seu passado.

«Os livros de Maya Banks arrastam-nos
num turbilhão de emoções.»

USA TODAY



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-564-337-0



9 789895 643370

Ficção Romântica